
CISION®
PRESS BOOK

Revista de Imprensa

1. Andebol - Apenas 35% dos jovens praticam atividade física . Uma catástrofe - Entrevista a Miguel Laranjeiro, Bola (A), 17/09/2019 1

2. Desporto Universitário - UMinho elege sexta-feira Atleta Masculino do Ano 2019, Correio do Minho, 17/09/2019 6

3. Futebol - Nomeados na categoria de atleta masculino do ano, Diário do Minho, 17/09/2019 7

4. O jogo errou, Jogo (O), 17/09/2019 8

5. Andebol - "Benfica pode lutar pelo título", Record, 17/09/2019 9

6. Alexandre Cavalcanti: O Benfica pode lutar pelo título, Record Online, 17/09/2019 10

CISION

A BOLA

ID: 82514954

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 28
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 1 de 5



A desertificação de equipas a sul, a litoralização e o pesadelo das viagens às ilhas...

→ O que mais preocupa os responsáveis e o que está a ser feito para resolver problemas

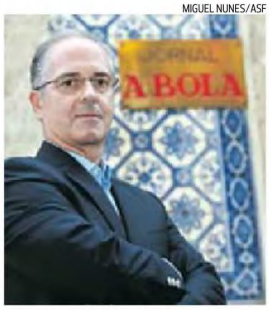
— A desertificação de clubes a sul é um problema?

— É. E se o número de clubes no campeonato fosse menor, a base territorial da competição seria menor. Este ano vem o Vit. Setúbal, que passa a ser o clube mais a sul. Há uma litoralização e queremos lutar contra isso. O país do desporto também é o país geográfico. Temos feito uma aposta de formação de treinadores e de constituição de equipas em Beja e Évora, com apoio do Algarve e de Setúbal. Isto para que as distâncias nas fases iniciais dos campeonatos sejam menores. Um dos grandes custos tem a ver com deslocações. Fazemos tudo para que haja equipas no interior e sul do país e temos consciência que depois há custos com as deslocações.

— As deslocações às ilhas são a dificuldade maior de todas?

— Tivemos, a 11 de março, o fim da tarifa de desporto da TAP! Houve logo posição da federação e dissemos que era um desastre. Houve clubes do continente e das Ilhas a dizer que desistiam: recebem 200 euros por atleta e passavam a pagar 600 por bilhete! O COP e os presidentes de federações de pavilhão juntaram-se e houve um regresso à primeira forma pela TAP, com reposição da tarifa de desporto. Voltamos sempre ao mesmo: o país quer ter cultura desportiva? Uma empresa de transporte aéreo com 50 por cento de participação pública não deve respeitar a constituição no que diz respeito à continuidade territorial? Eu defendo que sim. Se os bilhetes forem a 400, 500, 600 euros acabou. Passamos a ter campeonatos regionais! Isso é péssimo, pois as Regiões Autónomas fazem parte do território nacional. Tenho neste momento informações contraditórias relativamente aos valores que estão a ser praticados, pelo que não quero já ter uma posição definitiva sobre o assunto. Se não for como se combinou ficamos com as competições esmagadas. Nao faz sentido haver faltas de comparência porque a multa era menor que o custo das deslocações. Espero que se confirme que imperou o bom senso.

MIGUEL NUNES/ASF



Miguel Laranjeiro à porta de A BOLA



Presidente da Federação fala dos objetivos para o andebol português

MIGUEL LARANJEIRO

Aos 54 anos, ex-assessor de António Guterres, ex-deputado e ex-jornalista, o atual presidente da Federação de Andebol de Portugal gostaria de ver Portugal mobilizar-se para uma aposta real no desporto. A bem das gerações vindouras porque, defende, «um euro gasto no desporto são vários investidos na sociedade».

ANDEBOL

Entrevista de NUNO PERESTRELO

APÓS dois quartos lugares nos Mundiais sub-21 e sub-19 e do desempenho de Sporting e FC Porto nas competições europeias, é justo dizer-se que estamos perante o melhor momento do andebol português?

— Acho que sim. Houve uma conjugação de fatores — de aposta dos clubes na formação, de deteção de talentos, do funcionamento de centros de treino da Federação — que conseguiu compatibilizar características individuais dos atletas com organização. Isso permitiu estes desempenhos. Os resultados desportivos não existem por geração espontânea, sobretudo em modalidades coletivas. Tem de haver trabalho de largo espetro. E, curiosamente, estes quartos lugares acabam por, sendo excecionais, ter sabor agridoce, pois há sempre ambição de conseguir mais.

— Que implicações tem este momento nas expectativas para a Seleção Nacional?

— Permite olhar para o futuro do andebol na Seleção principal com otimismo. O desafio agora é conseguir manter este nível de competitividade e exigência. É nisso que estamos focados, pois não ficamos sentados em cima do sucesso. Trabalhámos para chegar aqui, mas agora é preciso continuar o trabalho de base e dar as condições o melhor possível para mantermos este desempenho.

— E por que passa esse otimismo?

— Temos um programa chamado Rumo-2028, ligado aos ciclos olímpicos, e um dos objetivos é Portugal conseguir ter de forma regular as seleções principais nos mais altos palcos. Fomos apurados para o Europeu-2020, em janeiro do próximo ano, e o nosso grande desafio é estarmos em condições de disputar permanentemente fases finais de campeonatos da Europa e do Mundo.

— Além da Seleção, e recuando um pouco, há o sucesso dos clubes...

— Sim! Tem havido da parte dos clubes grande aposta, empenho, esforço e dedicação, que tenho de realçar. Quando temos uma equipa num patamar muito elevado na Champions, como o Sporting, outra como o FC Porto que chega a um final four da Taça EHF, quando temos equipas na final da Challenge, tudo isto é sinal de que algo se está a passar. Tenho tido reuniões internacionais em que me fazem sentir que Portugal é visto de forma diferente e com atenção redobrada relativamente a países com mais tradição.

MIGUEL NUNES/ASF



Classificações excecionais nos sub-19 e sub-21 acabam por ter sabor agridoce

— Quando as seleções jovens de futebol começaram a ganhar, falou-se da geração de ouro e criou-se a expectativa de ganhar títulos. No andebol é possível pensar nisso?

— O andebol ainda é muito europeu. Tem havido preocupação de alargar a outros continentes, como América do Norte, Ásia, entre outros, mas as fases de apuramento para Mundiais e Jogos Olímpicos criam exigência acrescida. O que digo desde sempre ao selecionador é que temos de ter ambição de chegar mais longe, e trabalhar para chegar mais à frente. Não somos menos que outros países europeus da mesma dimensão. Quebrou-se aquele muito português *quase*. Isso foi quebrado com o apuramento da seleção A para o Europeu, algo que não acontecia há 14 anos! Quebrou-se esse enguiço, tivemos vitória sobre a França que nos deu o sen-

CISION

A BOLA

ID: 82514954

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 29
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 2 de 5

MIGUEL NUNES/ASF

«Apuramento para o Europeu-2020 quebrou o muito português 'quase'»

«Estamos a ser vítimas do sucesso»

As queixas de Thierry Anti ao calendário longo; dúvidas sobre alterações ao modelo

— Thierry Anti, treinador do Sporting, queixa-se de que a época é muito longa, com excesso de jogos. É uma voz a ser ouvida?

— Não quero comparar com o campeonato francês [*foi treinador do Nantes*]. Este é um modelo que estabilizámos há três anos e não queremos andar a mudar sem estudos. Há sempre discussão entre campeonato corrido e com *play-off*. Houve entendimento de que este modelo devia ser colocado em prática. Todos os dias vou falando com dirigentes de clubes e, até agora, não senti qualquer movimento para mudar o modelo atual. Nada é fixo. Estamos a ser vítimas do sucesso. Quando temos seleções em fases finais, equipas de clubes bem nas provas europeias... Somos boas vítimas. Tudo seria mais curto com menos vitórias. Há muitas alterações de calendário motivadas pelo sucesso de alguns clubes. É muito complexo. Todos os clubes têm as suas razões, uns porque têm muitos jogos, outros porque não são profissionais e têm dificuldades para mudar jogos para meio da semana... Procuramos ir compatibilizando estas velocidades diferentes.

MIGUEL NUNES/ASF



Originário de Guimarães, Miguel Laranjeiro abraçou Lisboa como destino

timento de que é possível. Creio que os jovens olham para isto como uma possibilidade.

— Qual o papel da Federação em tudo isto?

— O que tentamos, e essa tem sido a estratégia, é diminuir custos não desportivos, investindo na atividade. Temos dois diretores técnicos para o andebol feminino e masculino, duas referências, duas pessoas da modalidade. Apostamos muito no acompanhamento das várias seleções, quer em termos de equipa técnica, quer de estágio, quer de jogos que colocamos à disposição das equipas. Isto proporcionou os resultados que esta época foram visíveis.

— Como vê o facto de em Portugal termos tido melhor golo da Champions, o melhor golo da EHF, a chegada de jogadores e treinadores de topo?

— Precisamos disso. É muito importante que Portugal seja visto como hoje, com equipas a conseguirem o que têm conseguido. É natural que na Europa se olhe para Portugal. Claro que há clubes com dinheiro, mas podia haver dinheiro e não haver foco. Há um trabalho consistente. Essas equipas têm tido um interesse pelo andebol que é importante para a modalidade.

— O que é preciso para o andebol dar o próximo passo? Para que não sejam apenas os clubes financeiramente mais poderosos, como FC Porto, Sporting e Benfica a destacar-se; para que os outros possam crescer também?

— Já tivemos, no passado, o ABC a dar cartas. O nosso campeonato não é diferente de outros a nível internacional. Em Espanha, o Barcelona está acima dos outros, em França PSG e Nantes, mais dois ou três. Isto é como no futebol... É evidente que um campeonato mais equilibrado é sempre mais desejável. Este ano as equipas que ficaram na primeira fase fizeram um trajeto excecional. Estou a lembrar-me do Águas Santas, com recursos reduzidos, foi à final da Taça, por exemplo...

— E o que pode ser feito para fomentar outros Águas Santas?

— Portugal deveria criar condições para que os patrocinadores se sentissem valorizados no apoio a clubes. Isso não existe, tanto quanto se percebe. Antigamente havia mecenas que metiam dinheiro nos clubes. Isso hoje não existe e de certa forma ainda bem. Já foram dados alguns passos, mas ainda não suficientes. É importante criar-se mecanismos para a sociedade civil poder apoiar, tendo algum retorno. Há caminho a fazer. Acabando o período dos benfeitores, o que deveria ser conseguido era que o país valorizasse investimento no desporto. Há países europeus em que as empresas públicas têm determinada modalidade para apoiar. Depois vê-se os resultados. Temos de ter um país mais desportivo. Um euro investido no desporto são muitos euros na sociedade. O que vamos pagar daqui a 10, 15, 20 anos com doenças do foro da diabetes, obesidade, cardiovascular é muitíssimo mais. A melhor medicina é o desporto... Se assim é, não devia ser um desígnio do país? Não deveria ser um dos pilares...? Esta é uma discussão que a Presidência da República devia promover com a sua magistratura de influência.

MIGUEL NUNES/ASF



Gostava de ver os políticos também num jogo de andebol ou de basquetebol

— Os políticos só têm olhos para o futebol?

— Acho bem que dirigentes máximos do país possam ir ver um jogo da seleção de futebol, mas também gostava de os ver num jogo de andebol, num jogo de basquetebol, na canoagem... São imagens que ficam na retina. As pessoas veem e questionam. Algumas presenças são representativas da importância que o Estado dá a determinado momento. Não pode ser só ir à final da Taça de Portugal, e que eu acho muito bem, ou um jogo de apuramento da seleção de futebol. Não tem de ser sempre nem em todas, mas é importante que decisores políticos transmitam esse gosto pelo país desportivo. Precisamos de decisores que gostem de desporto, de atividade física, que tenham filhos a praticar desporto. Se o tivermos, estou certo de que a sociedade corresponde. A isto devem juntar-se regras para que as empresas possam apoiar com transparência modalidades ou equipas...

CISION

A BOLA

ID: 82514954

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 30
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 3 de 5



«O desporto devia ser um desígnio nacional»

→ *O alerta de um dirigente que já foi político e como combater o fascínio (natural) por CR7*

MIGUEL NUNES/ASF



Federação promove o andebol como um dos caminhos para a saúde e aposta em equipas para pessoas com mais de 45 anos

NUMA era de Cristiano Ronaldo, Messi, Neymar, grandes estrelas e exemplos que muitos querem seguir, como se convence miúdos a jogar andebol?

— Temos de levar o andebol às crianças, seja através de agrupamentos escolares ou do andebol de rua... Tivemos uma ação chamada andebol e cultura, que passa por colocar jovens a jogar junto a monumentos, depois visitá-los. O futebol, pelos ídolos que gera, tem poder de atração evidente. Temos de criar condições para que as crianças experimentem o andebol, para que saibam as regras mínimas. Somos uma das quatro modalidades que integram a Taça do Desporto escolar. Temos o programa *Andebol for kids*, com festas do andebol para que haja essa perceção. Se houver projeção mediática da modalidade, a atração é muito mais sustentada e fácil de fazer. É um trabalho de esforço e dedicação.

— E quem faz esse trabalho?

— Todos os que estão ligados ao andebol, de uma ou de outra forma, vestem a camisola da modalidade. É normal ver treinadores de equipas rivais a conviverem e a trabalharem juntos em torneios de formação. Todos se conhecem, todos foram colegas nalguns locais. Temos sempre a preocupação de transmitir aos jovens que desporto é competição, mas é muito mais que isso. Tem de ser diversão, tem de ser *fair-play*. Tem de ser competitividade, mas sem ferir todos os princípios. Há um sentimento generalizado de que o andebol tem de ser assim. Até os pais o sentem. O ambiente é saudável, até pelo racional de que alguns pais, quando metem crianças no futebol, querem às tantas ser os empresários dos filhos. Há uma fase de crescimento que tem de ser de diversão. As crianças devem ter oportunidade de experimentar vários desportos e depois fixarem-se naquele em que se divertem mais.

— Isso é quase um manifesto que vai muito além do andebol...

— Sabe, é uma catástrofe nacional o nível de atividade física que os jovens entre os 15 e os 25 anos têm em Portugal. Apenas 35 por cento dos jovens praticam atividade física regular. Isto é um problema nacional! Tentamos transmitir isto a todos os atletas, às famílias, aos pais. Há uma fase de diversão. Nos escalões mais baixos proibimos as classificações, a contagem de golos, nestes torneios de promoção. Tem de haver é prática desportiva. Todos têm de jogar, chegamos a ter equipas mistas. O desporto é atividade humana que consegue conciliar *éne* dimensões como nenhuma outra. Questões da formação, da atividade física, de saúde, de integração social — o pobre e o rico são iguais em campo — igualdade de género, promoção do território seja local ou nacional.

— Isso é colocar o desporto, independentemente da modalidade, acima de tudo...

— O desporto devia ser um desígnio nacional. Se faltam desígnios ao país: está aqui um. Na sua mais ampla dimensão, o desporto, a cultura desportiva, deve ser um desígnio. As crianças devem ter estas oportunidades nas escolas, deve haver interligação entre Estado, federações, clubes. O estatuto de dirigente desportivo ser reconhecido. De ver promovida a atividade física. Na Federaçao apoiamos um programa chamado *Andebol for health*, em que temos pessoas acima de 45 anos a praticar a modalidade. Há um regresso de ex-atletas aos masters, tivemos um europeu de masters em Gondomar. Desde os 4 ou 5 anos até aos *masters* todos têm de ter oportunidade de praticar a modalidade. Gostávamos de levar os programas mais longe, mas para isso é necessário ter recursos e nós temos de ter algum comedimento financeiro.

MIGUEL NUNES/ASF



“ Apenas 35 por cento dos jovens praticam atividade física regular. É uma catástrofe!

«É mais difícil ser atleta feminina que masculino»

→ *Líder federativo acredita que andebol tem margem de crescimento entre as mulheres*

— A aposta do Benfica no andebol feminino é uma boa notícia?

— Claro que sim. É sempre bom quando clubes importantes acolhem o andebol feminino. Este ano, com a chegada do Benfica e ABC, admito que haverá maior notoriedade da modalidade, o que para nós é muito relevante. Temos programa específico, pois é das vertentes com possibilidade de crescimento mais rápido. Quando entram clubes com notoriedade e máquina de comunicação é importante. Elegemos a visibilidade como um dos eixos estratégicos. Fico contente que cada vez mais clubes apanhem este comboio. É uma área de crescimento e onde Portugal a nível internacional tem estado em vários campeonatos. Estou convencido que no futuro poderemos dar saltos. Há várias atletas a ir para campeonatos europeus mais competitivos, o que fará crescer a seleção também. Indo para campeonatos mais exigentes, trazem essa capacidade para atrair outras raparigas.

— Há problemas como o das raparigas que não podem ir à Seleção por causa dos patrões...

— O profissionalismo é menor, tirando algumas exceções. Há, por vezes, dificuldades. A maior está na transição do escalão júnior para sénior. Quando entram no mundo do trabalho há maior dificuldade. É outra área que o país devia perceber e ter políticas de apoio. É evidente que, colocando do lado da entidade patronal, não posso libertar os trabalhadores. Temos de criar condições para que possam compatibilizar o trabalho com a atividade exigente que é representar uma seleção nacional. Não podemos cortar as pernas à possibilidade de singrarem. Temos tentado com clubes e entidades patronais, as quais a federação compensa, mas há sempre alguma entropia que não é agradável. É mais difícil, muito mais difícil, ser atleta feminina que masculina. Na formação já é muito equiparado. Na idade escolar é igual, mas na idade laboral é muito diferente.

«Nota-se subida de nível em todos os patamares»

A nova época do Andebol está em marcha e se ninguém arrisca quem será campeão, Miguel Laranjeiro tem certezas: a competição está cada vez mais forte! «De há um conjunto de anos a esta parte, há um foco muito grande dos clubes em apostar na modalidade. Quer a nível de treinadores, quer de jogadores, as equipas reforçam-se para disputar o campeonato. Há garantias de que será um campeonato disputado, rico de bons jogos, com incertezas, novidades nalguns encontros. Espero que os adeptos apareçam, encham os pavilhões. Este ano temos equipas que são referência, como Vitória de Setúbal, Boavista, Gaia, que trazem dinamismo engraçado. Mas sabe que no campeonato da segunda divisão há clubes com pujança competitiva também muito interessante. Nota-se uma subida de nível em todos os patamares. Pela primeira vez temos duas equipas Champions. Entrámos nesse lote devido ao crescimento da modalidade e pelo reconhecimento do país», explica.

CISION

A BOLA

ID: 82514954

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 4 de 5



«É importante que todos ganhem: modalidade, clubes e patrocinadores»

Confessa dor pela desistência do Fermentões e compreende as negas europeias de dois clubes

A vertente profissional de uma modalidade acaba por ser a ponta do icebergue, mas também o que faz tudo funcionar. A desistência do Fermentões, o facto de Águas Santas e Belenenses não terem ido à Europa por falta de dinheiro, devem ser temas que lhe provocam alguma dor...

— No caso do Fermentões mais ainda, até porque é do meu concelho. Acompanhei, joguei naquele pavilhão muitas vezes, mas isso não pode desviar-nos do foco de que foi uma decisão do clube, uma decisão legítima. A relação do Fermentões com a Federação foi sempre corretíssima. Tem um projeto muito bonito de formação: primeiro as pessoas, depois a competição. Fico triste, mas compreendo. Os outros dois casos são uma opção. Não conheço as questões em concreto, mas resulta do que defendo: ou a sociedade, o Estado, permite aos clubes criarem mecanismos financeiros para progredirem, ou vamos ter sempre estes problemas. As receitas dos clubes são sempre limitadas, há muita imaginação e esforço, temos tentado aumentar a visibilidade televisiva dos encontros, pois isso permite que os clubes possam valorizar o seu produto perante os patrocinadores. Não é fácil... o país é o que é, tem as suas dificuldades. Se quem pode apoiar não vê vantagem efetiva, esqueçamos os benfeitores. Não há mecenas... É importante que todos ganhem: a modalidade, o clube, o patrocinador.

Organizar Europeu ou Mundial? Federação com os pés na terra

«O sonho de organizar uma grande competição existe sempre, mas de imediato não é um objetivo. Temos de ter pés bem assentes na terra». Miguel Laranjeiro não alinha em euforias, embora reconheça que Portugal seria bom anfitrião para as melhores equipas de andebol. «O objetivo é consolidar a federação do ponto de vista da estrutura e financeiro. Consolidar o andebol como modalidade com presença nos grandes palcos. Isto está a ser feito. As exigências de uma organização desse género são hoje muito maiores que no passado, têm impacto financeiro brutal e sem apoio assumido do Estado nem pensar. O andebol joga-se com a mão, mas com os pés assentes na terra. Gostaria, não está fora do radar, mas não a curto prazo... Por alguma razão há cada vez mais organizações conjuntas», acrescenta.

— E que diz de Águas Santas e Belenenses não ocuparem os vagas a que tinham direito na Taça Challenge?

— A atitude dos clubes parece-me racional: antes de atingirem uma situação de não retorno preferem dar um passo atrás para dar dois em frente. Compreendo as decisões de Águas Santas e Belenenses. Temos feito abordagens públicas e privadas e da parte de quem é do Desporto há abertura para resolver os problemas. As pessoas que estão no desporto de uma maneira ou de outra pensam nisto assim. Posso generalizar, sem grande margem de erro, que todos os secretários de Estado têm esta perceção e noção de que o país devia olhar de forma diferente para o desporto, mas depois têm o peso que têm... Fazem o que podem.



Miguel Laranjeiro pede intervenção do Estado para defender o desporto mas não ataca os secretários de Estado: «Fazem o que podem»

MIGUEL NUNES/ASF

— Por um lado há a preocupação de mais gente a praticar andebol, por outro não abunda o dinheiro na federação. Isto leva a outra questão: um clube que queira inscrever 12 jogadores em cada escalão gastaria 27 mil euros só em inscrições e seguros. Não é um peso grande demais para uma pequena coletividade?

— Todos os anos fazemos essa avaliação. É muito diferente a primeira divisão dos bambis. Estamos a querer, de época para época, melhorar o espetáculo, num conjunto de iniciativas cujo custo não é baixo. Nos clubes da I divisão, os respetivos seguros têm um custo maior, de forma evidente. Nos escalões mais baixos há uma redução significativa. Nalguns escalões há subsidiação indireta da atividade, até para se formarem novas equipas. Não pode haver apenas diminuição dos custos para os clubes, mas valorização da marca andebol. Tem de ter visibilidade, tem de ter categoria de modalidade relevante. Somos exigentes com patrocinadores da seleção principal. O que temos de ser capazes é de criar mais valor para que todos os clubes estejam bem financeiramente. Cada um que desiste é um mal que acontece à modalidade. Por isso falo sempre dos milhares de invisíveis que dão visibilidade à modalidade. Não há modalidade sem esse trabalho de base. Fazemos tudo pelo limite em termos de custos.

MIGUEL NUNES/ASF



Foco está no crescimento da modalidade

Empréstimos não são para limitar

Miguel Laranjeiro acompanha preocupações de FIFA e UEFA mas não quer intervir para já

Se no futebol, FIFA e UEFA admitem reduzir número de jogadores nos quadros de cada equipa, no andebol, pelo menos em Portugal, há uma tendência para que clubes mais poderosos recrutem jogadores que acabam por não utilizar, emprestando-os a emblemas rivais. Será este um problema para a verdade desportiva? Miguel Laranjeiro não tem resposta imediata... «Não sei... Não é algo novo nem exclusivo do andebol. Creio que a federação não tem de ter qualquer atitude de limitação. O que temos em mente é o apoio aos clubes com formação, com continuidade, com resultados e aí poder haver uma parceria com esses clubes. Não passa tanto por limitar o que está a ser feito, mas mais pela positiva», começa por refletir, assumindo estar atendo ao debate: «Sabemos que este é um tema discutido na FIFA, por exemplo, mas não nos parece que seja o momento para termos uma atitude diferente. Acompanhamos todos esses movimentos, como o da limitação de empréstimos. Tem havido cooperação de clubes que têm muitos jogadores com outros. Nesta fase não será a altura para atuar nessa matéria. Prefiro que os clubes recetores sejam pujantes para o diálogo ser muito mais paritário. Temos de ter alguma cautela nessas mudanças».

CISION

A BOLA

ID: 82514954

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,31 x 8,31 cm²
Corte: 5 de 5



BENFICA X RB LEIPZIG
EM DIRETO HOJE ÀS 20H00
UEFA CHAMPIONS LEAGUE
tvi

TER 17 SET 2019 | Diário. Ano LXXV. N.º 16.693 Preço € 1,10 (IVA a 6%) Portugal continental | fundadores CÂNDIDO DE OLIVEIRA, RIBEIRO DOS REIS e VICENTE DE MELO | diretor VITOR SERPA | www.abola.pt

A BOLA

LIGA DOS CAMPEÕES • GRUPO G • PRIMEIRA JORNADA

Benfica RB Leipzig

20 H

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

EIS A ESTREIA DE LAGE E DE ALGUNS MENINOS DO SEIXAL NA MÃE DE TODAS AS COMPETIÇÕES



Jota pode ser titular

Técnico está castigado e quer ver jogo «entre os adeptos»

p. 2 a 11 e 40

FC PORTO

NAKAJIMA PAGOU POR NÃO DEFENDER

Esta e outras razões para a bronca de **Sérgio Conceição**

p. 16 a 19



SPORTING

BRUNO SOBE PARA OS €2 MILHÕES



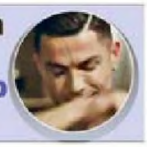
Médio vai ser aumentado

Luiz Phellype e Vietto aptos para a Holanda

p. 12 a 15

ITÁLIA

Jornalista faz Ronaldo chorar



p. 36

ANDEBOL



Apenas 35% dos jovens praticam atividade física. Uma catástrofe!

Miguel Laranjeiro, presidente da federação, lança o alerta

p. 28 a 31

AQUASTOP Protecção contra a Humidade
Condições especiais para pintores. Consulte as condições promocionais em deco.cin.com
OFERTA DO VALOR DO IVA
Até 4 OUT. 2019
CIN E TUDO MUDA

CISION

Correio do Minho

ID: 82516731

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 20
Cores: Preto e Branco
Área: 23,69 x 15,41 cm²
Corte: 1 de 1



Gala do Desporto terá lugar pelas 18.30 horas no Largo do Paço

UMinho elege sexta-feira Atleta Masculino do Ano 2019



DR

Júlio Ferreira: taekwondo



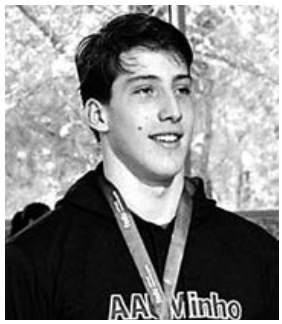
DR

João Abreu: futsal



DR

Bruno Cunha: voleibol



DR

José Paulo Lopes: natação



DR

Gonçalo Areias: andebol

DESPORTO UNIVERSITÁRIO
| Redacção

Organizada pelos Serviços de Acção Social da UMinho, com a Associação Académica, a Gala do Desporto 2019 terá lugar pelas 18.30 de sexta-feira, no Largo do Paço (Braga). Este ano coincide com o Dia Internacional do Desporto Universitário, proclamado pela UNESCO.

Para o galardão de Atleta Masculino do Ano são considerados os seguintes parâmetros: currículo desportivo no ano lectivo , desempenho académico do estudante/atleta no ano lectivo respetivo e participações internacionais universitárias.

Os nomeados na categoria de Atleta Masculino do Ano são:

Júlio Ferreira: estudante do Mestrado Integrado em Arquitetura e atleta de taekwondo. Na época 2018/19 arrecadou a medalha de ouro individual e coletiva no Campeonato Nacional Universitário da modalidade. Em termos internacionais, foi medalha de prata no Campeonato Europeu Universitário e conquistou a medalha de bronze na 30.ª Universíada de Verão, em Nápoles.

João Abreu: estudante do mestrado integrado em Engenharia Civil e atleta defutsal. Na época 2018/19, foi vice-campeão nacional universitário. Em termos internacionais, a sua equipa conquistou a medalha de bronze no Campeonato Europeu Universitário e foi ainda escolhido para o "5 ideal" deste Campeonato.

Bruno Cunha: é estudante do mestrado integrado em Engenharia Mecânica e atleta de voleibol. Na época 2018/19, o atleta arrecadou a medalha de ouro no Campeonato Nacional Universitário e a sua equipa foi 9.ª classificada no Campeonato Europeu Universitário.

José Paulo Lopes: estudante do mestrado integrado em Engenharia e Gestão Industrial e atleta de natação. Na época 2018/19, o nadador arrecadou duas medalhas de ouro no Campeonato Nacional Universitário e participou na 30.ª Universíada de Verão, onde bateu o recorde nacional dos 800 metros, alcançando a final da competição.

Gonçalo Areias: estudante da licenciatura em Marketing e atleta de andebol. Na época 2018/19, o andebolista foi Campeão Nacional Universitário. Em termos internacionais foi medalha de bronze no Campeonato Europeu Universitário.

CISION

Diário do Minho

ID: 82516279

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 28
Cores: Cor
Área: 26,00 x 15,25 cm²
Corte: 1 de 1



GALA DO DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Nomeados na categoria de "atleta masculino do ano"



Júlio Ferreira



João Abreu



Bruno Cunha



José Lopes



Gonçalo Areias

DR

A Gala do Desporto da Universidade do Minho realiza-se na próxima sexta-feira. Hoje publicamos a lista de nomeados para atleta masculino do ano:

Júlio Ferreira: estudante do Mestrado Integrado em Arquitetura e atleta de taekwondo. Na época 2018/19 arrecadou a medalha de ouro individual e coletiva no campeonato nacional universitário da modalidade. Em termos internacionais, foi medalha de prata no campeonato europeu universitário e conquistou a medalha de bronze na 30.ª Universíada de Verão, decorrida em Nápoles.

João Abreu: estudante do Mestrado Integrado em Engenharia Civil e atleta de futsal. Na época 2018/19, o futsalista foi vice-campeão nacional universitário. Em termos internacionais, a sua equipa conquistou a medalha de bronze no campeonato europeu universitário e foi ainda escolhido para o "5 ideal" deste campeonato.

Bruno Cunha: é estudante do Mestrado Integrado em Engenharia Mecânica e atleta de voleibol. Na época 2018/19, o atleta arrecadou a medalha de ouro no campeonato nacional universitário e a sua equipa foi 9.º classificada no campeonato europeu universitário.

José Lopes: estudante do Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão Industrial e atleta de natação. Na época 2018/19, arrecadou duas medalhas de ouro no nacional universitário e participou na 30.ª Universíada de Verão, onde bateu o recorde nacional dos 800 metros.

Gonçalo Areias: estudante da Licenciatura em Marketing e atleta de andebol. Na época 2018/19, foi campeão nacional universitário. Em termos internacionais foi medalha de bronze no europeu universitário.

CISION

ID: 82515331

O JOGO

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 4,29 x 4,74 cm²
Corte: 1 de 1



O JOGO ERROU

Por lapso de que se penitencia, O JOGO publicou na primeira página da edição de ontem que em andebol o Sporting venceu na Turquia, quando o correto era na Macedónia do Norte. Fica a retificação e o inerente pedido de desculpa.

CISION

Record

ID: 82515154

17-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 29
Cores: Cor
Área: 16,05 x 23,21 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL

"O Benfica pode lutar pelo título"

Alexandre Cavalcanti abraça aventura internacional sem esquecer as origens

MARCO MARTINS. FRANÇA

Alexandre Cavalcanti, de 22 anos, é um dos jovens valores do andebol português, que vai vivendo o melhor momento da sua história recente, com bons resultados dos clubes e das seleções em competições internacionais.

Com 2,02 metros e condições físicas pouco normais num português, o jovem formado no Benfica trocou as águias pelos franceses do Nantes esta época e admite ainda estar em processo de adaptação.

"A integração não foi fácil porque a língua dificulta um pouco, mas já estou melhor com o francês. Já consigo perceber, só não falo", brincou o jovem de Almada, em declarações a **Record**, antes de elogiar a sua atual equipa. "O Nantes é incrível. Tinha tido a oportunidade de estar cá no último jogo da temporada passada para visitar as instalações e o pavilhão: tem sempre uma boa assistência durante os jogos, temos adeptos incríveis que não se calam durante todo o encontro. Para mim, é um prazer estar aqui e agora é o que eu valho e seguir em frente", confessou, ainda que admita não ter sido fácil deixar o Benfica. "Claro que foi difícil. Estive seis anos no Benfica, clube onde eu cresci muito. Mas sempre tive esta decisão na minha cabeça, de que queria sair para fora. Foi a oportunidade perfeita", assumiu o jovem.

Cavalcanti segue o Benfica e acredita... no título. "O Benfica pode lutar pelo título. Tiveram um jogo difícil frente ao Sporting, em que estiveram todo o jogo no taco a taco. Têm equipa suficiente para atacar o título."

INTERNACIONAL PORTUGUÊS ESTEVE SEIS ANOS AO SERVIÇO DO BENFICA E ADMITE QUE NÃO FOI FÁCIL DEIXAR PORTUGAL



VIDA NOVA. Alexandre trocou Lisboa por Nantes

Seleções tiveram ano dourado

Cavalcanti admite que o andebol português vive um grande momento. "A Seleção teve um ano incrível. As equipas portuguesas chegaram longe na Champions, Portugal apurou-se para o Europeu, e cada vez há mais jogadores a jogarem fora do país. É espetacular para o nosso país. Isto também dá a oportunidade a novos jogadores de emergirem."

Alexandre Cavalcanti: O Benfica pode lutar pelo título

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	17/09/2019
Meio:	Record Online	Autores:	Marco Martins

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9fb23af1

Abraça aventura internacional sem esquecer as origens

Alexandre Cavalcanti, de 22 anos, é um dos jovens valores do andebol português, que vai vivendo o melhor momento da sua história recente, com bons resultados dos clubes e das seleções em competições internacionais....

Marco Martins